

## APRESENTAÇÃO

A Revista Científica/FAP chega ao volume 33, número 2 (2025) com o **Dossiê Práticas Artísticas Contracoloniais**, organizado pelas Professoras Doutoras Alejandra Wolff Rojas (Pontifícia Universidade Católica do Chile), Marta J. Sierra (Kenyon College dos Estados Unidos) e pelo Professor Doutor Cleber Braga (Universidade Federal de São João Del Rei). Além de contar com professoras de universidades de outros países em sua organização, este Dossiê contou também com pareceristas de universidades estrangeiras, fortalecendo o empenho de ampliarmos o alcance internacional do periódico. O Dossiê temático reúne 18 artigos que se focam sobre questões relativas ao contracolonial ou decolonial, distribuídos por quatro eixos temáticos, além de uma resenha. A capa conta com a obra **Yo, híbrido**, do artista chileno Diego Argote.

A Seção **Outros Temas**, reúne artigos nas áreas do Teatro, das Artes Visuais e do Cinema. No campo do **Teatro**, Vinícius Cristóvão Carvalho enfoca a relação entre o Cuidado de Si, de Michel Foucault e o Teatro Espiritual de Michael Chekhov; Natalia Perosa e Marcia Berselli abordam a composição em processos de criação cênica por artistas que operam entre fronteiras e disciplinas, analisando procedimentos do coletivo artístico Bureau de l'APA (Quebec); Paulo Vinicius Alves reflete sobre o ensino superior de cenografia a partir do paradigma da complexidade (Edgar Morin), defendendo a adoção de metodologias educacionais que enfatizem a aprendizagem colaborativa, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade; Neto Portela também traz uma abordagem pedagógica, ao focar sua experiência como docente da 2.ª série da Escola Estadual Djalma Barros Siqueira – Extensão (2022), na implementação das diferentes linguagens artísticas, abordando a cultura popular, na criação, em teatro de bonecos, da montagem de “O Rico Avarento” (Ariano Suassuna).

No campo das **Artes Visuais**, Roney Jesus Ribeiro analisa proposições artísticas da mostra Do Corpo à Terra (1970) que evidenciavam os problemas sociopolíticos do período ditatorial brasileiro, por meio de denúncias como a do abuso de poder exercido pelos militares, do desaparecimento de pessoas e da tortura de presos políticos; Cibele da Silva Ribeiro e Wagner Jonasson da Costa Lima abordam a ação “Atentado” (2004), do artista Eduardo Srur, identificando procedimentos que o artista retoma de suas primeiras produções ou que derivam da “pintura de ação” ou ainda tomados das neovanguardas para observar como sua atividade pictórica subsiste quando sua arte deixa o espaço do ateliês para se tornar intervencionista; Indiara Pinto Brezolin, Jéssica

Caroline Rodrigues de Lima e Maíra Longhinotti Felipe investigam temáticas de 77 obras da arte mural do centro de Florianópolis, identificando uma valorização da história local por parte dos artistas e das instituições envolvidas na produção dessas obras.

No campo do **Cinema**, Luis Geraldo Rocha analisa o filme “Projeto Flórida” (Sean Baker, 2017), para discutir o espaço cinematográfico como metáfora das desigualdades sociais estruturais apresentadas pelo filme e a ressignificação da infância como território de resistência, identificando uma narrativa que questiona os limites das representações tradicionais de classe, identidade e pertencimento nos Estados Unidos; Alice Furtado investiga a relação entre o trabalho fabulativo da cineasta Kelly Reichardt em “O Atalho” (2010) e algumas proposições da obra ficcional e ensaística de Ursula K. Le Guin, identificando o mesmo território e o resgate das narrativas das mulheres que o compõem, que caminham no sentido contrário da narrativa tecnoheróica, propondo práticas de aliança entre alteridades; Iury Peres Malluceli parte da ideia de “montagem” (Didi-Huberman 2012) e de dispositivos analíticos como as “constelações fílmicas” (Souto, 2020) e o “cruzamento de imagens” (Samain, 2012) para debater a possibilidade de elaboração de um método analítico para o cinema que pense suas imagens dentro de um universo mais amplo, contíguo ao das artes visuais.

Wagner de Alcântara Aragão apresenta uma **Resenha** crítica da telenovela “Roque Santeiro”, reexibida em 2025, focando em temas sociais abordados pela obra que foi primeiramente proibida pela ditadura militar e que estreou há 40 anos, identificando na trama, aspectos que ainda se refletem na atualidade brasileira.

Agradecemos às organizadoras e organizador do Dossiê, a Diego Argote, pela imagem da capa, às/aos pareceristas que contribuíram com este número, a todas e todos os autores que atenderam à chamada do Dossiê ou submeteram seus trabalhos por meio do Fluxo Contínuo.

Desejamos a todas as pessoas uma ótima leitura!

**Luciana Barone (editora)**